

FORMAÇÃO NAS ESCOLAS DIOCESANAS E MINISTÉRIO DA CATEQUESE

Diante de um mundo digital, com os compromissos do dia-a-dia, muitas vezes nossos catequistas acabam sendo “engolidos” pelos afazeres e tarefas. Gostaria de destacar a importância de uma Escola de Catequese Diocesana, bem como o apoio necessário para que existam espaços formativos para quem se coloca neste importante campo de evangelização de nossa Igreja no Brasil e no mundo.

Em nosso Regional (CNBB/Sul 1) temos muitas experiências de Escolas Catequéticas em funcionamento muitas delas há dezenas de anos. Outras há um menor tempo. E outras ainda estão desarticuladas como escolas ou espaços formativos. Chamo a atenção pela responsabilidade de cada equipe diocesana para que busque programar este campo formativo, pois nossa Igreja só tem a ganhar.

Recordemos a caminhada da Catequese em nosso Brasil e em nosso Regional, desde o Documento “**Catequese Renovada**” (CNBB nº. 26), tem feito algumas escolhas: metodológicas (**VER- JULGAR E AGIR**) e conteudísticas (**A VERDADE SOBRE O HOMEM, SOBRE DEUS E SOBRE A IGREJA**).

Hoje se fala em “**INSPIRAÇÃO CATECUMENAL**” e da “**ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL**”. Tudo isto traz direcionamentos e contribuições valiosas para as escolas de catequese. Qualquer escola de catequese deve se valer dessas grandes contribuições. É bom lembrar que não estamos “descobrimo a roda”, temos uma história que deve ser respeitada.

Deve se **considerar a realidade local**: a linguagem, a metodologia, as necessidades, o imaginário religioso popular... Para se pensar os conteúdos formativos da Escola Catequética, valendo-se dos da catequese universal: o **Catecismo da Igreja Católica**, com seus temas e reflexões. Deve-se considerar **quem é o catequista**: sua idade, experiência de fé, de igreja, capacidade de estudo...

Como sugestão da experiência na Diocese de Limeira, a partir da Equipe de Catequese, relato aqui a **possibilidade de conteúdos programáticos** e orientações presentes em nosso currículo:

BLOCO I: “ANÁLISE SOCIO-CULTURAL DA REALIDADE E CATEQUESE”

1. **Mudança de época. O mundo pós-moderno; luzes e sombras para a Igreja e a catequese. (Influência social, política, econômica, religiosa, cultural).**
2. **Pastoral tradicional, pastoral de conservação e pastoral de comunhão na ação evangelizadora da catequese. Desafios.**
3. **O que é a catequese? Identidade da catequese.**

BLOCO II: “LEGADO E INTERFERÊNCIAS HISTÓRICAS NA CATEQUESE”

1. **A catequese como processo histórico contínuo e progressivo de amadurecimento da fé. Primeiras gerações: sec.I e II – Período Apostólico. Didaqué e Peregrinação de Egéria. Catecumenato primitivo. Idade média e a crise renascentista. Concílio de Trento e os primeiros catecismos.**
2. **Catequese no Concílio Vaticano II e na América Latina. Catequese no Brasil. Catequese Renovada. Semanas Brasileiras de Catequese. (1ª., 2ª. E 3ª.)**
3. **Catequese x aula de Catecismo. O ser, o saber e o saber fazer hoje.**

BLOCO III: MISTAGOGIA, ESPIRITUALIDADE E CATEQUESE.

1. **Identidade do catequista. Qualidades e exigências. Vocação do catequista.**
2. **Espiritualidade do catequista. Mística e catequese.**
3. **Catequese e liturgia: duas faces do mesmo Mistério.**

4. O simbólico na catequese e na liturgia. A celebração como dimensão antropológica.
5. Celebração eucarística e catequese.
6. O domingo: dia do Senhor.
7. O Pai Nosso.
8. A leitura orante da Bíblia.

BLOCO IV: “BÍBLIA E CATEQUESE”

1. Introdução a Sagrada Escritura. Texto-contexto-pretexto.
2. História do Povo de Israel: êxodo – período tribal - monarquia
3. História do Povo de Israel: exílio – pós exílio
4. História do Povo de Israel: Jesus: seu povo, sua terra.
5. Como se formou a Bíblia?
6. Como ler e entender a Sagrada Escritura?
7. Desafios da leitura histórico-crítica da Sagrada Escritura.
8. Primeiro Testamento: torá-lei
9. Genesis 1 a 11 na catequese.
10. Profetismo bíblico
11. Jesus: a palavra de Deus encarnada.
12. Como Jesus usou a Sagrada Escritura e a animação bíblica da Pastoral.

BLOCO V: PEDAGOGIA E METODOLOGIA CATEQUÉTICA

1. Psicologia das idades: da gestação à segunda infância
2. Psicologia das idades: da adolescência e juventude à velhice
3. Natureza da catequese, os agentes e os interlocutores da catequese. A comunidade eclesial e os lugares da catequese.
4. A inspiração catecumenal e a metodologia catequética: ver-julgar e agir.
5. Catequese e comunicação: linguagem corporal, simbólica.
6. Dinâmicas na catequese.
7. Os conteúdos e os manuais de catequese.
8. A formação do catequista. Inculturação e religiosidade popular

BLOCO VI: CATEQUESE E A REVELAÇÃO

1. A mensagem central, as fontes da catequese: Sagrada Escritura, Magistério e Tradição.
2. Revelação e catequese. Mistério e religião.
3. Deus Trindade: conceitos, imagens e doutrina na catequese.
4. A Criação
5. A aliança, o profetismo bíblico e o messianismo.
6. Jesus de Nazaré: homem e Deus.
7. Jesus de Nazaré: o anúncio do reino
8. Querigma: vida, morte e ressurreição de Cristo.
9. Maria: discípula e missionária.
10. O Espírito Santo: dons e carismas
11. Pentecostes e a Igreja: discípulos e missionários
12. Paulo: apóstolo e missionário.
13. Escatologia cristã: céu, inferno e juízo final.
14. Virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade

BLOCO VII: CATEQUESE E LITURGIA

1. Iniciação à vida cristã: o encontro com Jesus.
2. Os sacramentos: conceito e significado teológico, eclesial e antropológico.
3. Batismo e Confirmação
4. Sacramento da reconciliação e Unção dos Enfermos
5. Eucaristia
6. Matrimônio e Ordem

BLOCO VIII: TEOLOGIA MORAL E CATEQUESE

1. Impasses da moral no mundo fragmentado. Valores morais, consciência cristã e maturidade
2. Desenvolvimento moral: estágios de Kohlberg
3. Pecado e opção fundamental. Graça, lei e mandamentos.
4. Bem aventuranças
5. Sexualidade e Moral

Diante da importância de se ter uma Escola Diocesana de Catequese trago aqui algumas reflexões importantes:

Está surgindo um mundo novo, diferente, fruto de transformações surpreendentes que estão acontecendo no campo da cultura, da economia e da política. Trata-se de um tempo carregado de potencialidades positivas ao ser humano, mas, ao mesmo tempo, caracterizado por tensões, rupturas e desmoronamentos de valores fundamentais como os do respeito mútuo, hospitalidade e religiosidade, trazendo consequências negativas que se fazem sentir, principalmente, na família e na educação.

A Igreja como um todo e em especial a do Brasil nos últimos anos em suas diretrizes, já tem enfatizado a importância deste complexo fenômeno histórico-cultural para uma adequada compreensão da sua ação evangelizadora em nossa sociedade, cientes de que esse fenômeno transforma a concepção de vida das pessoas e dos grupos para além das fronteiras de classe, ideologia, raça ou sexo. Tocam assim, pontos de direto interesse da educação da fé hoje: a subjetividade, o individualismo, o pluralismo, a falta de comunicação, a cultura urbana, a privatização do religioso.

A partir do Concílio Vaticano II (1963-1965) a Igreja redescobriu a necessidade de formação do povo de Deus. Até então a formação teológica, quase que exclusivamente era reservada ao clero e religiosos. A teologia do Vaticano II deslocou esse eixo também para a formação do laicato e dos agentes de pastoral.

O testemunho das pessoas e o relato das experiências remontam para a década de 60 e apontam para uma verdadeira primavera formativa: reciclagens, cursos, escolas de pastoral, escolas catequéticas, preocupadas com a formação bíblica, teológica, litúrgica e catequética de todo o povo.

Já na década de 70, esta prática foi acrescida pela contribuição das ciências sociais como: análise da realidade, conjuntura sócio-política, forças políticas e econômicas. A década de 80 foi marcada pela emergência dos movimentos sociais, movimentos populares, expressões da cultura e da religiosidade popular. Nos anos 90, em decorrência da modernidade, do fenômeno da urbanização, da influência da mídia, o eixo se desloca para a pessoa, a subjetividade, a experiência vital, a busca da mística, da espiritualidade como resposta aos desafios. Nas décadas que adentram o século XXI, percebe-se que as pessoas nem sempre estão comprometidas com as comunidades e com elas mesmas.

O Documento de Aparecida diz que a fé católica em nosso continente encontra-se “reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e proibições, a práticas de devoções fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a participações ocasionais em alguns sacramentos, a repetição de

princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados” (12; Cf. 100 Cf. 287). Assim, temos as pessoas, mas elas não se encantam o suficiente com Jesus Cristo e com a Igreja a ponto de tornarem-se discípulos missionários. “Requerem-se também equipes de formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas” (cf DAp 281).

É um alerta para a Igreja, pois, significa que a evangelização está falha em algum ponto. Também na catequese. Encontramos adultos, jovens e crianças que procuram a catequese, ou que, mesmo tendo participado da catequese, ainda não fizeram uma opção inicial para viver conforme o Evangelho, portanto, sem a consciência de sua missão de ser “sal e fermento” no mundo, através da participação comunitária e do compromisso cidadão (cf. DAp n° 286). Muitos são batizados, mas, não-evangelizados e não-convertidos.

A mudança que estamos vivendo, à qual denominamos *mudança de época*, nos trouxe o desafio de formar discípulos apaixonados por Jesus, comprometidos com a comunidade eclesial e com o Reino de Deus.

O termo “formação” não é o melhor para o que a Igreja pretende quando o usa para a sua reflexão e práxis relativas à sua missão específica no processo de crescimento e amadurecimento de seus membros, os fiéis. Por de trás desse termo está o perigoso sentido de “forma”, “fôrma”, “molde”, “enquadramento”, “modelo”. E, neste horizonte, a liberdade da pessoa e a sua participação no processo, como sujeito, ficam prejudicadas. Entretanto como a palavra integra o vocabulário usual, é fundamental deixar claro em que sentido ela é usada neste texto.

Formação é entendida aqui como educação, que em sua origem (ex-dúcere) significa um processo pelo qual a pessoa, como sujeito, faz desabrochar as riquezas de sua potencialidade humana que, em semente, já traz dentro de si. O educador, nesse caso, exerce a função de provocador do exercício de nascimento, crescimento e desabrochamento, isto é, como um catalisador que ajuda o educando a operar sua auto-educação e a caminhar com segurança rumo à sua maturidade humana.

A formação iniciática de catequistas é, sem dúvida, uma proposta nova e carregada de esperança. Seu objetivo é ajudar a fazer acontecer um processo de conversão de quem é chamado pelo Senhor para a vocação e missão de catequista. A realidade nos mostra que já não é suficiente apenas um tradicional curso de teologia, uma escola de formação de catequistas, como até agora se tem realizado. Urge um estilo próprio para este novo processo formativo, que leve em conta as dimensões constitutivas da pessoa humana e, também, da missão de testemunhar, transmitir o mistério revelado e, sobretudo, de fazer a pessoa experimentar o encontro pessoal e fraterno com Jesus Cristo vivo, a inserção na comunidade eclesial e o compromisso com a missão.

Trata-se, portanto, de uma assessoria que possibilite ‘transmitir’ o fundamental da fé cristã ao catequista, e facilitar-lhe um novo jeito de conhecer Jesus, experimentá-lo, vivenciá-lo, aderir fortemente a Ele e ao seu evangelho (cf. CAL 197) e, com isso, firmar-se na caminhada rumo a uma fé madura e irradiadora. O que se pretende é que o catequista seja capaz de bem assessorar a educação cristã dos fiéis e de realmente acompanhá-los num processo de “formação orgânica e sistemática da fé” (CT 21), na opção de ser discípulos missionários de Jesus Cristo, comprometidos com a Igreja e com a evangélica transformação das pessoas e da sociedade.”

Partindo dessa realidade e dessa necessidade, a formação de catequistas assume algumas características próprias e requer que se tenha clareza de suas finalidades: privilegia o encontro pessoal

com Jesus Cristo, ultrapassando apenas a transmissão de conhecimentos; desenvolve ações que possibilitam aquisição de habilidades, atitudes e valores; apresenta itinerários adequados que correspondam à realidade humana e de fé que estão vivendo, e garantindo, nesse processo, o acompanhamento pessoal e a animação da comunidade; além dos momentos coletivos de formação desenvolve acompanhamento personalizado; processo marcado por etapas ritos, símbolos; a comunidade como elemento promotor da formação; a centralidade da Palavra; apresenta uma convicta formação para a missionariedade; a espiritualidade á partir da vida cotidiana do catequista.

O MINISTÉRIO DA CATEQUESE

1. Ministério na Igreja

Na Igreja sempre houve e haverá variedades de funções e tarefas que recebem o nome de ministérios. O ministério deve ser entendido como um mandato ao serviço de uma comunidade, de um povo. A origem dos ministérios eclesiais está no mandato que Jesus comunicou a seus discípulos “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19), para servir aos homens e as mulheres na comunidade. Ministério, portanto, é “um carisma em forma de serviço reconhecido pela Igreja”. O ministério é um compromisso dado pela Igreja aos fiéis que desejam servir, com responsabilidade, a missão que lhes é confiada. O ministério da catequese não pode ser confundido com poder, não é prêmio, nem superioridade, não é título, mas é DIAKONIA, isto é serviço que, suscitado e sustentado pelo Deus amor, há de ser vivido na simplicidade e gratuidade à Igreja.

A Igreja reconhece que “no conjunto de ministérios e serviços com os quais ela realiza a sua missão evangelizadora, ocupa lugar destacado o ministério da catequese” (DNC 39).

2. Ministério da Catequese

De acordo com o Diretório Nacional de Catequese, o ministério da catequese é um serviço único que deve ser assumido com responsabilidade, entusiasmo e amor de forma conjunta por leigos (as), religiosos (as), presbíteros, diáconos e bispos na comunhão eclesial, pois é um serviço oficial realizado em nome da Igreja. Desta forma, deve ser oferecido todo o suporte necessário, pedagógicos e metodológicos, viabilizando os recursos necessários para fazer acontecer a ação do ministério da catequese.

Ministério, portanto, é um serviço da Igreja. Um serviço que exige muita responsabilidade e competência. Na Igreja há muitos ministérios. São Paulo (1Cor 12,4-11) afirma que há vários tipos de ministérios dados por Deus para o bem comum de todo o povo do Senhor. O ministério da catequese nasce e cresce dentro de uma comunidade eclesial e da necessidade de preparar os cristãos para dar uma resposta de qualidade ao seguimento de Jesus. Paulo, catequista e servidor da Igreja, aconselha: “Temos, porém, dons diferentes segundo a graça que nos foi dada, seja a profecia, de acordo com a fé, seja o ministério, para servir. Se for o dom de ensinar, que ensine; se for o dom de exortar, que exorte. Se o de distribuir esmolas, faça-o com simplicidade. Se o de presidir, presida com zelo. Se o de exercer misericórdia, que o faça com alegria” (Rm 12,6-8).

O ministério da catequese deve ser compreendido como processo, caminho que uma pessoa percorre ao longo da sua vida, de sua história. “Tal processo procurará unir: fé e vida; dimensão pessoal e comunitária; instrução doutrinária e educação integral; conversão a Deus e atuação transformadora da realidade; celebração dos mistérios e caminhada com o povo” (CR nº29).

A catequese deve ser entendida como um ministério, vamos à fonte, para melhor compreendermos o que significa: catequizar, *catá-ekhéi*, em seu sentido original, significa “fazer ressoar aos ouvidos”; no Segundo Testamento podemos afirmar que catequese significa formar, instruir, ensinar

de viva voz. Ou ainda: ressoar a Palavra de Deus. Para que este ressoar aconteça de forma integradora envolvendo a pessoa num processo de ensino-aprendizagem e vivencial é preciso que tudo seja assumido por uma pessoa que se sente atraída por Jesus Cristo, que viva o seu batismo. Precisamos do/a catequista.

3. Catequese e a comunidade eclesial

A catequese é um serviço eclesial essencial para a formação e o crescimento da Igreja. Sem uma catequese eficiente não teremos pessoas maduras na vida da comunidade eclesial.

A catequese é uma dimensão que deve estar presente em todos os campos da ação evangelizadora da Igreja. Ela deve oferecer a iniciação aos mistérios divinos, bem como um itinerário, que é um processo de educação da fé. A iniciação cristã, que inclui o querigma, é maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e introduzi-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação e aprofundar o seu rico sentido. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados. Esse catecumenato está intimamente unido aos sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, celebrados solenemente na Vigília Pascal (DAp 288).

A catequese tem a finalidade de aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. “Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo e à participação em sua missão” (DNC nº 41).

4. Catequista agente da Palavra

Sabemos que são milhares de mulheres, homens, jovens, anciãos e até adolescentes que descobrem na experiência de fé e, na inserção na comunidade, a vocação de catequista (DNC 242). Para que um ministério possa dar muitos frutos, é necessária formação, oração e planejamento. O improviso não dá certo. Improvisar catequistas sem dar-lhes a devida formação e acompanhamento é irresponsabilidade que provoca acidentes na fé.

O catequista é, acima de tudo, uma pessoa equilibrada, que ama o que faz, de profunda oração, que cultiva uma espiritualidade a partir da realidade do cotidiano e que prima pela sua formação e que busca construir comunidade pela comunhão.

O catequista é o grande responsável pela educação da fé dos seus catequizandos, uma vez que isto não está acontecendo, na maioria das vezes, dentro do seio familiar, por isso a missão do catequista, “como educadores da fé das pessoas e comunidades, numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanente por etapas sucessivas, é a conversão, a fé em Cristo, a vida em comunidade, a vida sacramental e o compromisso apostólico” (P 1007).

5. Catequista e sua formação

Os catequistas necessitam de formação permanente, ou seja, serem formados e preparados para a ação evangelizadora, pois a formação catequética é um longo caminho a ser percorrido por meio de conhecimento, de práticas iluminadas pela reflexão bíblico-teológica e metodológica (DNC 256). O momento histórico que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. (DNC 252) Por isso, a formação dos catequistas deve seguir um planejamento à luz do Diretório Nacional de Catequese com seus objetivos e finalidades e os critérios para que aconteça uma formação adequada e eficaz. (DNC 254-260).

A missão catequética é exercida em nome da Igreja, o que significa que o catequista deve seguir as orientações da Igreja. Quem fala em nome da Igreja deve também ser reconhecido por ela. O Diretório Nacional já citando o Diretório Geral diz que "aos catequistas reconhecidamente eficientes como educadores da fé de adultos, jovens e crianças, e dispostos a se dedicarem por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade, pode ser conferido oficialmente o ministério da catequese" (DNC 245). O catequista, ao receber o ministério, assume o compromisso que a Igreja lhe confere, tornando-se responsável pela missão de evangelizar, catequizar em nome da Igreja.

O catequista é discípulo de Jesus Cristo, "ser discípulo é dom destinado a crescer". (DAp 291) Como discípulo o catequista é agente direto do ato catequético cristão, é profeta. O catequista tem na boca a PALAVRA DE DEUS, tem a função de acompanhar por um caminho de fé que leve o catequizando até seu verdadeiro Mestre, para desaparecer no momento oportuno e deixar que o encontro se realize no terreno da fé.

6. RETOMANDO O DGC e DNC

O DGC fala do "ministério dos catequistas". Também o Diretório Nacional acenou para essa questão e a sua importância. Algumas dificuldades dentre essas: a superação de mentalidade: catequista x professor; catecismo x catequese. Também não podemos contentar-se com a nomenclatura: "ministério", "ministro", e não aprofundar a ministerialidade da catequese. O que é mais importante: instituir o ministério, reconhecê-lo, nomeá-lo ou aprofundar sua ação? Há muitas divergências e opiniões neste assunto. Não se pode ser simplista: há que se valorizar o ministério e a ministerialidade. O risco é ficar somente com a institucionalização, ritualização. O mesmo se dá com relação à "inspiração catecumenal": contentar-se com as "fases" do catecumenato sem conduzir o catequizando por uma experiência cada vez mais profunda de Deus e da fé.

Ou ainda contentar-se com o aspecto físico da mudança, ou seja, nova estética do encontro: não mais quadros negros e carteiras, mas uma única mesa com cadeiras ao redor, ter a mesa da Palavra. Sem uma nova compreensão do "jeito de fazer a catequese", isto é, os aspectos cognitivos, afetivos, comunitários e litúrgicos, não atingiremos o cerne da questão. É preciso abrir-se para a ministerialidade.

7. DESAFIOS PARA A CATEQUESE

Diante deste mundo digital, perguntamos: como inserimos e utilizamos os novos meios de comunicação na catequese? Acompanhamos as novas gerações midiáticas? Como se dá a Leitura da Bíblia? Experimentamos a "Leitura orante"? Como se faz a "animação bíblica da vida e da pastoral"? Conseguimos articular organicamente a pastoral? Quais são os instrumentos eficazes no mundo urbano? Que espaço há para as expressões religiosas na cidade? Como aproveitamos catequeticamente esses espaços?

8. Caminhos

Portanto, aprofundar o Ministério da Catequese, é mergulhar na ação evangelizadora da Igreja. Desta forma, é mais do que necessário insistirmos nas bases e fazer ecoar para que este ministério aconteça de forma efetiva em nossas comunidades. A catequese é o mais sublime e necessário dos ministérios da Igreja para que ela tenha vigor, seja a luz do mundo e fermento na massa. Precisamos voltar às fontes de nossa fé fazendo memória da ação evangelizadora das primeiras comunidades. Não teremos Igreja se não tivermos catequese, é este ministério que sustenta a Igreja desde os primórdios e com ele perseguiremos por todo o sempre a missão de Jesus confiada a nós homens e mulheres de boa vontade que desejam levar adiante a sua mensagem de vida em Plenitude.

***Dom Vilson Dias de Oliveira, DC - Bispo Diocesano de Limeira e
Referencial da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética – CNBB/Sul 1***